

# "VISÕES E O POETA"

AMORIM SOBREIRA

Nasce a planta acanhada. Raquítica. Exposta à canícula, às intempéries. Vem a mão protetora, põe-lhe uma pouca água, um pouco de adubo. Cresce a planta. Viceja.

O poeta Alves de Oliveira foi essa criatura desprotegida, frágil, solitária.

Nasceu no município de Granito, perto da majestosa Araripe, a bela serra azul. É genuíno produto do sertão adusto, como o espinhento e característico juazeiro. Piedoso sacerdote tomou-o a seus cuidados: amparou a planta. Ensina-o. Educa-o. Imprime em seu coração os traços assinalados da virtude e do ideal. Com as primeiras letras ensina-lhe igualmente a oração e o dever do trabalho digno. Prepara-o para o bem e para o belo. Prepara-o para a vida. Esta é a composição do seu patrimônio pessoal.

A indiferença ambiente e a tortura dos sofrimentos representam os instrumentos com que a vida põe à prova sua capacidade para resistir às vicissitudes.

A riqueza e as honras não impressionaram sua alma incipiente.

Não ama as honrarias, porque só quer a honradez.

Não deseja riquezas materiais, porque só almeja os ideais da arte e da beleza.

A respeito do dinheiro, por exemplo, escreveu:

*Maldito sejas tu pelo profundo  
Prestígio deletério do teu nome!*

Alves de Oliveira já não é simplesmente aquêlê ríspido juazeiro.

Arrancado que foi pelo destino, de seus agrestes pagos, encheu-se-lhe a alma de lhaneza e de recônditos pesares. Tornou-se o poeta triste e de rara sensibilidade: juazeiro amargurado e sentimental. Recorda, assim:

*O campo aberto, o lar altivo, a paz  
Do ocaso — altar onde ajoelha o prado, —  
Longe de salas e de festivais,  
Entre balidos e mugir de gado...*

E vai curtindo a saudade do seu rincão nativo:

*Serra de meus amôres! Quando a calma  
Do Além baixar sôbre esta fronte ereta,  
Guarda em teu seio as cinzas do poeta,  
Que, quando em vida, te guardava n'alma!*

Introspectivo no sentido de Jung, Alves de Oliveira claudicou com sua timidez de rude sertanejo. Caio Cid propiciou-lhe um estimulante, dando-lhe o bastão de encorajamento, ajudando-o a galgar o almejado Himeto. Daí sua primeira produção em livro — *Musa Errante*, em 1938.

Em 1962 publica, em mais de um centenar de páginas, *Visões*, de que ora nos ocupamos.

Aqui faz povoar-se a sua imaginação com as sombras da fantasia, de mistura com vultos inesquecíveis, que se envolvem levemente nos refegos de uma cortina que a saudade idealiza na perspectiva da realidade poética.

Sem estímulo em sua alma, precisa de emulação emocional para captação dos motivos essenciais. Seu processo de

motivação lembra êsses campos comburidos de nosso querido sertão, cobertos de pedregulho, de poeira, tostados de sol. Sua ansiedade se estimula com o orvalho da saudade. Ansiedade pelo ideal de produzir a poesia, saudade daqueles quadros emotivos que impressionaram a retina do seu pensamento na infância. Surge um motivo que o espicaça em suas emoções e a gleba sáfara reverdece em matizes sedutores de construções poéticas, capazes de empolgar um exigente prosélito de Erato ou Polímnia.

Não seria preciso aludir ao bimilenar Catulo com a originalidade de seus poemas circunstanciais, pois êsse admirável processo de excitação emocional conhecemo-lo com relativa freqüência entre os improvisadores aedos sertanejos. Só que a êstes falta às vêzes a técnica lapidar, o colorido nobilitante, a magia benéfica, a tônica impressionista que tornam a poesia de Alves de Oliveira elogiável e característica.

Aliás, esboço estas impressões por mero interêsse de que os leitores não ignorem a árvore, que não se revestia sòmente de ásperos acúleos, mas dos frutos sazoados de uma contribuição poética bastante original, tanto pela forma clássica, como pelo particular subjetivismo. Pois em vez de ouvir tais impressões, o melhor que se faz é ler Alves de Oliveira em sua maestria, ora de arrôjo condoreiro, ora de inquietação e sensibilidade à Musset ou Casimiro de Abreu.

Alves de Oliveira é poeta de simplicidade rústica e de misticismo desprendido. Nostálgico. Amargurado. Melancólico. Cético. Magoado. Uns laivos raríssimos de leve humorismo ou de suave ironia.

No templo de sua imaginação, o poeta é o pontífice que medita.

Enganam-se aquêles que afirmam absoluta incompatibilidade entre filosofia e poesia. Pelo menos num sentido irrelevante e genérico.

Se a filosofia pode representar um poema de beleza racionalizada, é possível que no poeta exista algo de filósofo, desde que a poesia traduza uma concepção, um comportamento, uma compreensão da vida e do mundo, quer em nuanças

mínimas, quer em sua expressão panlógica, como integração da vida na concepção estética.

Fato singular: Alves de Oliveira jamais curvou-se à insolência ou ante êsse cabotinismo bajulatório com que a vulgaridade *loggerhead* acarinha um prestígio balofo. Na verdade, revela qualidades que, até ontem, por exemplo, constituía perigo possuí-las neste Brasil maravilhoso. É responsável e honesto. Aliás, a primeira é simples corolário.

Havia realmente uma honestidade mascarada e furta-côr, caricaturada por desfibrados morais, cuja preocupação era procurar difamar ou ridicularizar a verdadeira honestidade, desnublada e exemplar. Graças a Deus a estas horas os homens de bem podem respirar com esperança de completo alívio, sem grande receio de que lhes suje as costas alguma pincelada infamante pespegada por subversores identificados ou camuflados, ou por políticos mistificadores inclusive, naturalmente aquêles que, sobraçando o Evangelho, Hipócrates ou Platão, prosternam-se diante de Deus e, maquiavêlicamente, vão conservando sempre às escondidas uma velinha acesa para o diabo.

Alves de Oliveira não compactua com a fereza, a maldade, a traição. Por isso escreveu:

*Se faço versos . . . Se faço versos  
Ungidos do óleo do sentimento,  
Antonimizo, nesse momento,  
Com os perversos . . .*

Tais sentimentos levam-no a repulsar o mundo, pois que êste lhe repugna, como demonstrou em “Pintassilgo”:

*Contemplando-o, entristeço. E, num transporte  
De compaixão que o espírito dormenta,  
Quedo-me num cismar vago e profundo . . .*

*Bem como tu, meu pássaro sem sorte,  
Alguém sofre cantando, e embalde tenta  
Fugir do horror dêste presidio — O mundo!*

Atualmente Alves de Oliveira é funcionário do IBGE e reside na Travessa Afro Campos, 478, em Maranguape.

Em conversa familiar costuma dizer que jamais deixará de fazer poesia, de comer jaca mole e de votar em Paulo Sarasate e Virgílio Távora.

Não é pobre, porque tem a seu lado uma espôsa dedicada, D. Elvira, e possui o reservatório de uma imaginação prodigiosa, ao lado de um talento distinguido, em sua complexa estrutura temperamental.